

REVELAÇÃO EM PAUL TILlich

*Luciano Ximenes**

RESUMO

O conceito de revelação é essencial para a ortodoxia cristã. A fé reformada está alicerçada no entendimento de que a Bíblia é a revelação especial de Deus, inspirada e norma suprema de fé e prática. Após o movimento do humanismo renascentista, a Escritura deixou de ser a única fonte de autoridade para a teologia e outras fontes passaram a ser abraçadas pelos teólogos. No século 20, liberais, neo-ortodoxos e pentecostais passaram a utilizar outros critérios, como a razão, a experiência e a filosofia existencialista. Um dos principais representantes do uso da filosofia existencialista foi o teólogo prussiano Paul Tillich. O presente artigo busca estudar o pensamento desse teólogo sobre a revelação de Deus e sua influência na teologia sistemática. Com esse objetivo, o artigo começa com uma análise da filosofia existencial. Descreve, a seguir, o pensamento teológico de Tillich, procurando entender seu papel, sua fonte, seu entendimento sobre a Bíblia e, finalmente, seu conceito de revelação. O artigo conclui sua análise mostrando as conseqüências desastrosas dessa mudança na fonte de autoridade para a teologia cristã e reformada.

PALAVRAS-CHAVE

Revelação; Existencialismo; Teologia; Razão; Paul Tillich.

INTRODUÇÃO

O conceito de revelação é fundamental para a fé cristã. Não se pode fazer qualquer tentativa de sistematização da verdade cristã sem revelação. Esse

* O autor é bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Norte (Recife), bacharel em Engenharia Civil pela Universidade de Pernambuco, coordenador e professor da área de Teologia Sistemática no Seminário Presbiteriano de Brasília e mestrando em Teologia Sistemática no CPAJ. É pastor da Igreja Presbiteriana do Jardim Botânico, em Brasília.

conceito é fundamental também para a fé reformada. Em todos os símbolos da fé reformada encontram-se o posicionamento sobre o conceito de revelação e o reconhecimento da Bíblia como fonte única e final da revelação especial de Deus. Para Calvino, a revelação é o momento no qual Deus se dá a conhecer ao ser humano por intermédio de sua Palavra. “Desta maneira, Adão, Noé, Abraão e os outros patriarcas puderam conhecê-lo, iluminados que foram pela sua Palavra”.¹ Para ele, a revelação não tem um caráter subjetivo e experiencial, pois a Palavra foi dada aos patriarcas e redigida como documento, tornando-se objetiva. Ele diz:

Pois bem, quando pareceu bem ao Senhor edificar uma igreja mais segregada ainda, ele publicou mais solenemente aquela mesma Palavra, e foi da sua vontade que ela fosse redigida como documento escrito. Por isso, desde quando os oráculos ou as revelações da Palavra de Deus começaram a ser reduzidas à escrita, ela tem sido mantida entre os fiéis e tem sido transmitida entre eles, uns aos outros.²

Dessa forma o conceito reformado de revelação mostra a Bíblia como expressão exata da Palavra de Deus, que é sua própria revelação.

A importância desse correto entendimento para a ortodoxia é claramente demonstrada ao serem analisados os movimentos históricos dentro da igreja. O liberalismo teológico foi, em última análise, um distanciamento do entendimento da Bíblia como Palavra de Deus. Ela se tornou um livro comum, sujeito aos mesmos problemas de qualquer escrito humano, distanciando-se da ortodoxia. A neo-ortodoxia aproximou mais a Bíblia da Palavra de Deus, sendo ela a fonte da revelação divina. A Bíblia torna-se a Palavra de Deus quando é recebida interiormente e existencialmente pelo indivíduo. A teologia neo-ortodoxa não conseguiu o completo retorno ao entendimento da Bíblia como sendo a Palavra de Deus. Ela continuou tendo falhas e erros.

A doutrina da revelação divina nunca deixou de ser estudada pelos círculos acadêmicos, independentemente da linha teológica a ser defendida. O entendimento individual dessa doutrina e seu relacionamento com a Bíblia vão definir a posição teológica da pessoa, comunidade ou igreja e onde ela se encontra entre o liberalismo religioso e a ortodoxia protestante e reformada.

Este trabalho tem como objetivo estudar o conceito de revelação do teólogo sistemático Paul Tillich, entendendo seus pressupostos filosóficos e sua relação com a teologia, além de definir o conceito de revelação e sua relação com a Bíblia. Paul Tillich nasceu no dia 20 de agosto de 1886 em Starzeddel, na Prússia. Foi capelão militar na Primeira Guerra Mundial. Provavelmente

¹ CALVINO, João. *Institutas da Religião Cristã*. Vol. 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 68.

² *Ibid.*, p. 70.

os horrores da guerra fizeram-no abandonar o otimismo da teologia liberal, passando a lecionar na Universidade de Marburgo, junto com Rudolf Bultmann e Martin Heidegger. Em 1935, fugindo do regime militar de Hitler, radicou-se nos Estados Unidos e foi professor de teologia sistemática até sua morte.³

A partir de uma análise de sua trajetória pessoal, constata-se que os fatos ocorridos na vida de Paul Tillich influenciaram grandemente sua teologia. Hordern diz:

Ele exerceu capelania por quatro anos durante a Primeira Guerra Mundial, os quais lhe causaram uma impressão vívida a respeito dos problemas sociais. Voltou do cenário da guerra para empenhar-se em atividades relacionadas com o funcionamento do Movimento Socialista Religioso na Alemanha, atividade que tornou inviável sua presença no país sob Hitler.⁴

Stanley Grenz e Roger Olson também mencionam como a guerra teve profundas conseqüências para Tillich:

Suas experiências com a morte em massa e a destruição foram o ponto de virada em sua vida pessoal e sua fé. Ele sofreu dois colapsos nervosos e passou por uma série de crises de dúvida que transformou sua visão de Deus.⁵

Essas influências dificultam uma definição clara da linha teológica seguida pelo autor. Ele é entendido por alguns, principalmente pelos da escola européia, como o “último liberal” e um opositor claro de Karl Barth e Emil Brunner. Robert Clouse, descrevendo a teologia do pós-guerra, seus defensores e idéias, escreve:

Eles vão dos “ortodoxos” Barth e Emil Brunner (1889-1956) até Reinhold Niebuhr (1892-1971) e o “liberal” Paul Tillich (1886-1965). Na realidade, tratava-se de uma síntese do velho e do novo que contribuiu muito para restabelecer a mensagem da Bíblia, a missão singular da Igreja, a importância da teologia e a relevância do evangelho cristão tanto para a vida pessoal quanto social.⁶

Outros o definem como um neo-ortodoxo, sendo situado no mesmo grupo de Barth e Brunner,⁷ principalmente por representantes da escola americana,

³ Ver LANDERS, John. *Teologia contemporânea*. Rio de Janeiro: Juerp, 1986.

⁴ HORDERN, William E. *Teologia contemporânea*. São Paulo: Hagnos, 2004, p. 209.

⁵ GRENZ, Stanley J.; OLSON, Roger E. *A teologia do século 20 – Deus e o mundo numa era de transição*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 137.

⁶ CLOUSE, Robert G.; PIERARD, Richard V.; YAMAUCHI, Edwin M. *Dois reinos – a igreja e a cultura interagindo ao longo dos séculos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 532.

⁷ HORDERN, *Teologia contemporânea*, p. 210.

como Francis Schaeffer: “Paul Tillich (1886-1965), da Escola de Teologia de Harvard, foi um desses brilhantes teólogos neo-ortodoxos”.⁸ Dessa forma, deve-se perceber na teologia de Paul Tillich a influência tanto da teologia liberal como da neo-ortodoxa.

Fazendo uma apreciação da posição teológica de Paul Tillich, Grenz e Olson o definem como neo-liberal e descrevem assim as influências do liberalismo e da neo-ortodoxia:

Assim, esses pensadores buscavam reformular e aprofundar a teologia da imanência do antigo liberalismo. É claro que não defenderiam uma simples volta ao desacreditado cristianismo cultural. Na verdade, procuravam empregar temas que tomaram emprestados de filosofias mais novas, como o existencialismo, ou incorporar os avanços alcançados pelos estudos científicos recentes como forma de reafirmar a fé cristã em Deus, de modo que o povo do século 20 pudesse compreender e aceitar”.⁹

Em outro momento, eles explicam: “Paul Tillich oferece aquele que é, talvez, o exemplo mais claro de um neoliberal que optou pelo existencialismo como companheiro para o diálogo teológico”.¹⁰

A influência liberal sobre o pensamento teológico de Tillich é percebida no seu entendimento da revelação e das fontes da teologia, e na tendência neo-ortodoxa de uso da filosofia existencialista como base para a reflexão teológica. Isso é facilmente perceptível na teologia de Tillich quando ele diz:

A teologia sistemática necessita de uma teologia bíblica que seja histórico-crítica sem quaisquer restrições, mas que seja, ao mesmo tempo, interpretativo-existencial, levando em conta o fato de que ela trata de assuntos de preocupação última.¹¹

Essa compreensão é fundamental para a análise de sua teologia.

1. FILOSOFIA EXISTENCIALISTA

Uma boa compreensão da filosofia existencialista é essencial para o entendimento da teologia de Paul Tillich. Essa filosofia é consequência do humanismo renascentista, que teve como finalidade libertar o homem da igreja católica medieval. Para isso, Deus foi colocado de lado, tendo o ser humano assumido o papel principal da história. Foi um período de positivismo ideológico em relação ao homem. O homem passou a ser a medida de todas

⁸ SCHAEFFER, Francis. *Como viveremos?* São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 125.

⁹ GRENZ e OLSON, *A teologia do século 20*, p. 135.

¹⁰ Ibid., p. 136.

¹¹ TILlich, Paul. *Teologia sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 51.

as coisas. Schaeffer diz: “O homem humanista procurou tornar-se auto-suficiente, passando a exigir que partisse dele mesmo e de detalhes individuais, para elaborar os seus próprios universais”.¹² Assim, o homem, e não Deus, se tornou a fonte última da verdade.

O existencialismo pode ser classificado em duas modalidades: o existencialismo ateu e o existencialismo teísta. O primeiro tipo tem suas bases no naturalismo. Ele aceita todas as proposições naturalistas de forma a negar a existência de Deus e afirmar a existência eterna da matéria e de um universo sem uma proposta abrangente. Contudo, sua diferença está na natureza humana e no seu relacionamento com o cosmos.¹³ James W. Sire resume assim as idéias do existencialismo ateu: 1) o cosmo é constituído apenas de matéria, mas a realidade humana apresenta-se de duas formas: objetiva e subjetiva; 2) os seres humanos fazem de si mesmos o que eles são, a existência precede a essência; 3) cada pessoa é livre a respeito do destino e da natureza; 4) extremamente implacável e hermético, o mundo objetivo organizado permanece contra os seres humanos e parece absurdo; 5) no reconhecimento pleno do eu contra o absurdo do mundo objetivo, a pessoa autêntica deve se revoltar e criar seus próprios valores.¹⁴

Esse pensamento tem como consequência o não reconhecimento e a não aceitação de qualquer estrutura, seja Deus ou a natureza, que venha a ter domínio sobre o ser humano. Dessa maneira, o homem torna-se totalmente independente, o senhor do seu pensamento, e o critério último para a verdade é o próprio homem, seja pela razão ou pela experiência.

A influência do existencialismo não se limitou apenas à esfera secular, sendo levada em consideração também nos meios teológicos. Ao influenciar os estudos teológicos, o existencialismo sofreu algumas mudanças, principalmente com a aceitação da divindade, e passou a ser definido como existencialismo teísta.

A grande mudança na ênfase do existencialismo teísta em relação ao ateu é a fonte do relacionamento humano. Enquanto o ateu está preocupado com o relacionamento com a natureza, o teísta se preocupa com o relacionamento com Deus. James Sire descreve assim essa mudança: “Os elementos mais característicos do existencialismo teísta estão relacionados não com a natureza do cosmo, mas com a natureza humana e nossa relação com Deus”.¹⁵ A verdade só pode ser encontrada quando o próprio homem atinge sua auto-

¹² SCHAEFFER, *Como viveremos?*, p. 117.

¹³ SIRE, James W. *O universo ao lado* – um catalogo elementar de cosmovisões. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 123.

¹⁴ Ibid.

¹⁵ Ibid., p. 136.

consciência e através de sua própria reflexão descobre a verdade. Sire define bem esse aspecto:

O existencialismo teísta enfatiza o lugar no qual os seres humanos descobrem a si mesmos quando pela primeira vez atingem autoconsciência. Eles refletem sobre si mesmos por um momento. A certeza da sua própria existência, sua própria consciência, sua própria autodeterminação – esses são seus pontos de partida.¹⁶

Os teólogos existencialistas tinham o objetivo de tornar o evangelho relevante e aceitável para o homem da sua época. As ciências humanas foram valorizadas e a Bíblia passou a ser estudada à luz desse conhecimento. A existência ou não de Deus passou a ser uma questão pessoal, definida por meio de experiências, ou seja, algo existencial, e não uma questão da razão. Dessa forma, a fé passou a ser uma questão apenas pessoal.

O existencialismo começou a influenciar a teologia a partir da neo-ortodoxia e de seu principal defensor, Karl Barth. Ele criou o seu próprio tipo de dicotomia e trouxe a metodologia existencial para a teologia, por entender o fracasso do liberalismo e seu otimismo exagerado.¹⁷ Sire afirma:

Na segunda metade do século XX, Karl Barth viu o que podia acontecer se a teologia se transformasse em antropologia e respondeu reformando o cristianismo através de linhas existenciais.¹⁸

Essa dicotomia, em termos de revelação, manifesta-se na afirmação de falhas na Bíblia e na aceitação de sua ação revelatória em face da experiência. Schaeffer diz:

Seguindo o advento da metodologia existencial, surgiu a teologia existencial neo-ortodoxa, que diz que a Bíblia contém erros na área da razão, mas que assim mesmo é capaz de providenciar uma experiência religiosa no campo irracional.¹⁹

Isso abriu a porta para uma análise existencial da revelação e a aceitação de outros meios de revelação, além de uma subordinação da teologia à filosofia.

No pensamento de Tillich, a filosofia é a base para o entendimento teológico. A verdade está subordinada à filosofia. Sem o conhecimento filosófico não se pode fazer teologia. Tillich argumenta:

¹⁶ Ibid.

¹⁷ SCHAEFFER, *Como viveremos?*, p. 122.

¹⁸ SIRE, *O universo ao lado*, p. 135.

¹⁹ SCHAEFFER, *Como viveremos?*, p. 123.

O objetivo da teologia é aquilo que nos preocupa de forma última. Só são teológicas aquelas afirmações que tratam do seu objeto na medida em que ele pode se tornar questão de preocupação última para nós.²⁰

A filosofia existencialista é que deve determinar quais são as questões de preocupação última, ou seja, as perguntas existenciais para a pessoa. Grenz e Olson resumem assim essa idéia: “As perguntas são apresentadas pela filosofia através do exame cuidadoso da existência humana”.²¹

Sem as questões de preocupação última, não se pode fazer teologia. Essas questões são perguntas levantadas pelo homem ao entrar em contato com a sua existência. Tillich define-as assim:

Nossa preocupação última é aquilo que determina o nosso ser ou não-ser. Só são teológicas aquelas afirmações que tratam de seu objeto na medida em que possa se tornar para nós uma questão de ser ou não-ser.²²

A partir desse significado da filosofia existencialista para o pensamento de Tillich é que deve ser entendida a sua teologia sistemática.

A teologia volta a ser subordinada à filosofia, como aconteceu na Idade Média, principalmente com Tomás de Aquino. Para Tillich, a teologia deve estar fundamentada em trazer respostas para a “situação” na qual o teólogo está inserido. Ele define a “situação” como a auto-interpretação criativa do ser humano em um período determinado.²³ Entende que Barth está correto com a interpretação “querigmática” do evangelho e, comparando-o com Lutero, afirma: “Ambos fizeram uma séria tentativa de redescobrir a mensagem eterna dentro da Bíblia e da tradição, em oposição a uma tradição distorcida e a uma Bíblia utilizada de forma errônea e mecânica”.²⁴

Para Tillich, uma teologia que não responde as questões existenciais do homem é totalmente inútil. A filosofia é que valida o estudo teológico. Qualquer pessoa sem questionamentos de realidade última não vai ter nenhum interesse pela teologia, e esta não terá nenhuma finalidade para o indivíduo. A teologia passa a ter um caráter individual e relativo, pois a verdade é definida pela pessoa. A partir desses conceitos, deve-se entender a finalidade da teologia, suas fontes e o papel da Bíblia no pensamento e na teologia de Tillich.

2. A TEOLOGIA DE PAUL TILLICH

A teologia sistemática possui um caráter totalmente existencial no pensamento de Tillich. Isso é consequência de uma filosofia existencialista dominante

²⁰ TILLICH, *Teologia sistemática*, p. 30.

²¹ GRENZ e OLSON, *A teologia do século 20*, p. 143.

²² TILLICH, *Teologia sistemática*, p. 31.

²³ *Ibid.*, p. 20.

²⁴ *Ibid.*, p. 22.

na sua teologia, como foi mostrado na seção anterior. A filosofia tem como papel principal definir a “situação” na qual o indivíduo está inserido. Para Tillich, a metodologia a ser aplicada para descobrir o real sentido da revelação é o método fenomenológico, descrito por ele da seguinte forma:

Consiste em sua capacidade de oferecer um quadro que seja convincente, de torná-lo visível a qualquer pessoa que esteja disposta a olhar na mesma direção, de iluminar com ele outras idéias afins e de tornar compreensível a realidade que estas idéias pretendem refletir.²⁵

É a forma de considerar os fenômenos como “se apresentam”, sem a interferência de pré-conceitos e explicações negativas ou positivas.

Esse entendimento da “situação” leva o indivíduo a fazer perguntas sobre a realidade última do ser ou não-ser. Grenz e Olson comentam o papel da filosofia e da teologia em Tillich: “O teólogo lança mão dos símbolos da revelação divina para formular respostas para as questões implícitas na existência humana, que a filosofia pode descobrir, mas não responder”.²⁶ No seu pensamento, a filosofia não tem como responder tais perguntas: “A teologia sistemática é a teologia que ‘responde’. Ela deve responder as perguntas implícitas na situação humana geral e na situação histórica pessoal”.²⁷ Em outro passo Tillich diz:

A teologia levanta necessariamente a questão da realidade como um todo, a questão da estrutura do ser. A teologia suscita necessariamente a mesma pergunta, pois aquilo que nos preocupa de forma última deve pertencer à realidade como um todo; deve pertencer ao ser.²⁸

Hordern afirma: “Tillich crê ser obrigação inevitável do teólogo uma tentativa de relacionar a mensagem bíblica com a situação vigente”,²⁹ e resume dessa forma a sua metodologia para a teologia sistemática:

Ao voltarmos-nos para a teologia sistemática de Tillich, portanto, aí encontramos, primeiro, uma análise de um problema particular de acordo com os termos da filosofia moderna. Uma vez o problema alcançando seu ponto de maior profundidade, no qual se torne clara sua relação em que se encontra com a própria existência e ser do homem, então, Tillich passa a demonstrar como é que a revelação cristã oferece resposta adequada para a solução do problema em causa.³⁰

²⁵ TILLICH, *Teologia sistemática*, p. 119.

²⁶ GRENZ e OLSON, *A teologia do século 20*, p. 143.

²⁷ TILLICH, *Teologia sistemática*, p. 47.

²⁸ *Ibid.*, p. 37-38.

²⁹ HORDERN, *Teologia contemporânea*, p. 211.

³⁰ *Ibid.*

2.1 O papel da teologia em Tillich

Para o teólogo prussiano, a teologia tem duas finalidades: descobrir a verdade e aplicá-la a cada geração. Ele diz: “Um sistema teológico deve satisfazer duas necessidades básicas: a afirmação da verdade da mensagem cristã e a interpretação desta verdade para cada nova geração”.³¹ Por isso, não se deve procurar entender os fatos: a real preocupação está concentrada na interpretação. Ele entende que a teologia não está preocupada com a ruptura política entre o Oriente e o Ocidente. Ela está interessada na interpretação política dessa ruptura. Do mesmo modo, ela não está interessada no aumento das doenças mentais ou na consciência crescente delas. Ela está interessada na interpretação psiquiátrica dessas tendências.³²

A teologia não deve se preocupar com os fatos. Ela se preocupa com a interpretação destes. Ela tenta relacionar as perguntas implícitas na situação com as respostas implícitas na mensagem cristã.³³ No pensamento de Tillich, não é importante a historicidade dos fatos bíblicos. A ênfase deve ser dada à interpretação existencial e ao recebimento desta como resposta à questão última. Assim, a teologia não pode ser feita de maneira imparcial, mas deve entrar no que ele chama de círculo teológico. Em suas próprias palavras: “Para estar dentro do círculo, ele [o indivíduo] deve ter tomado uma decisão existencial. Deve estar na situação da fé”.³⁴ A fé é que vai legitimar a interpretação existencial e validá-la para a teologia.

2.2 A fonte da teologia

A resposta da teologia para as questões existenciais está relacionada com a natureza da mensagem cristã. Para isso, é necessário definir as fontes que são usadas pela teologia para determinar a mensagem cristã e atualizá-la. Paul Tillich não acredita numa única fonte de revelação divina. Nesse ponto, ele critica a neo-ortodoxia por aceitar a Palavra como principal meio da revelação. Ele pondera:

Se a “Palavra de Deus” ou o “ato de revelação” é considerado a fonte da teologia sistemática, devemos enfatizar que a “Palavra de Deus” não está limitada às palavras de um livro e que o ato de revelação não se identifica com a “inspiração” de um “livro de revelações”, mesmo que esse livro seja o documento da “Palavra de Deus” final, plenitude a critério de todas as revelações.³⁵

³¹ TILLICH, *Teologia sistemática*, p. 21.

³² Ibid.

³³ Ibid., p. 25.

³⁴ Ibid., p. 28.

³⁵ Ibid., p. 50.

A recusa da aceitação da Bíblia como fonte única da teologia tem como base a filosofia existencialista, quando a ênfase é colocada na interpretação existencial e não no fato real.

Tillich reconhece quatro fontes para a teologia sistemática: “Esse exame das fontes da teologia sistemática mostrou sua riqueza quase ilimitada: Bíblia, história da Igreja, história da religião e da cultura”.³⁶ Ao mesmo tempo, ele enfatiza a relatividade delas, pois não podem ser consideradas como fonte da teologia de forma absoluta, mas de forma existencial, pois “as fontes da teologia sistemática só podem ser fontes para quem participa nelas, isto é, através da experiência”.³⁷ Isso faz com que a experiência, fruto da influência da filosofia existencialista e da teologia neo-ortodoxa, seja fundamental para a teologia.

A experiência legitima a revelação como fonte para a teologia. Ela é entendida por Tillich em três sentidos: “Uma análise acurada da presente discussão filosófica e teológica mostra que o termo é usado em três sentidos: ontológico, científico e místico”.³⁸ O sentido ontológico da experiência está relacionado com a realidade vivida e sua aceitação positiva. Tillich assim o define:

O sentido ontológico da experiência é uma consequência do positivismo filosófico. O que é dado positivamente é, segundo esta teoria, a única realidade da qual se pode falar de modo significativo. E positivamente dado significa dado na experiência. A realidade é idêntica à experiência.³⁹

O sentido científico é a percepção de um mundo articulado e das verdades encontradas pelo uso da razão e de experiências repetitivas. Assim é definido:

A experiência neste sentido constitui um mundo articulado. Ela não designa o dado como tal, mas o dado em sua estrutura reconhecível. Ela combina elementos racionais e perceptivos e é o resultado de um processo incessante de experiência e verificação.⁴⁰

Nenhum desses dois sentidos legitima a experiência como fonte teológica. Eles não devem se descartados, mas são aspectos que devem ser levados em consideração quando unidos ao sentido místico.

O sentido místico está relacionado com a aceitação pela fé do indivíduo: “A letra da Bíblia e as doutrinas da Igreja permanecem letra e lei se o Espírito não as interpreta no indivíduo cristão. A experiência como presença inspiradora do

³⁶ Ibid., p. 55.

³⁷ Ibid., p. 56.

³⁸ Ibid., p. 58.

³⁹ Ibid.

⁴⁰ Ibid., p. 59.

Espírito seria a fonte última da teologia”.⁴¹ A experiência mística possui um caráter religioso no qual o homem se torna um novo ser em Jesus como o Cristo.

Por isso, a Bíblia perde sua autoridade como fonte única da teologia, em contraste com o pensamento dos reformadores. A autoridade da Bíblia está relacionada com o encontro entre a igreja e ela. Para Tillich, é impossível chegar a um pensamento de dois mil anos atrás. Assim, a hermenêutica bíblica perde seu valor, pois trabalha apenas com o impossível. O importante não é o pensamento do autor bíblico, e sim a interpretação dada pela igreja à mensagem cristã. Ele diz: “A Bíblia como um todo nunca foi a norma da teologia sistemática. A norma tem sido um princípio derivado da Bíblia num encontro entre ela e a igreja”.⁴² Tillich complementa dizendo: “Já que a norma da teologia sistemática é o resultado de um encontro da igreja com a mensagem bíblica, podemos considerá-la produto da experiência coletiva da igreja”.⁴³

2.3 O conceito da Bíblia em Tillich

Como já foi dito, a Bíblia é entendida por Tillich de maneira totalmente diferente do pensamento reformado. Sua autoridade deriva da experiência mística e da interpretação coletiva da Igreja. “O caráter documentário da Bíblia reside no fato de que ela contém o testemunho original daqueles que participam nos eventos reveladores”.⁴⁴ Dessa forma, ela passa a ser o registro histórico de pessoas que tiveram contato com revelações e de suas respostas a ela. “Assim como muitos teólogos do século 20, Tillich rejeitava o conceito de palavras reveladas ou proposições”.⁴⁵ Para ele:

Sua participação consistiu em suas respostas aos acontecimentos que se tornaram eventos reveladores através de sua resposta. A inspiração dos escritores bíblicos é a sua resposta receptiva e criativa a fatos potencialmente revelatórios.⁴⁶

A Bíblia não deve ser entendida como o único meio da revelação divina. Tillich diz:

A Bíblia é a Palavra de Deus em dois sentidos: É o documento de revelação final e participante na revelação final da qual é documento. Provavelmente nada contribuiu mais para a interpretação errônea da doutrina bíblica da Palavra do que a identificação da Palavra com a Bíblia.⁴⁷

⁴¹ Ibid., p. 60.

⁴² Ibid., p. 65.

⁴³ Ibid., p. 67.

⁴⁴ Ibid., p. 51.

⁴⁵ GRENZ e OLSON, *A teologia do século 20*, p. 147.

⁴⁶ TILLICH, *Teologia sistemática*, p. 51.

⁴⁷ Ibid., p. 168.

Grenz resume essa idéia dizendo que Tillich “encontrou um papel para a Bíblia na revelação. Ela ‘participa’ da revelação na condição de documento que registra o acontecimento da revelação final de Jesus, o Cristo”.⁴⁸ A Bíblia é uma antologia de literatura religiosa, escrita, compilada e editada através dos séculos⁴⁹ e é o testemunho de como os primeiros cristãos entenderam a mensagem do evangelho.

2.4 Revelação em Paul Tillich

Ao se entender o pensamento filosófico básico e a estrutura da teologia de Paul Tillich, percebe-se que o conceito de revelação é uma conseqüência lógica da metodologia de pergunta existencial e resposta a partir de algo revelado, pois “Tillich interpretou a revelação divina como sendo aquela que responde às perguntas feitas pela razão”.⁵⁰ Ele define revelação como “uma manifestação especial e extraordinária que remove o véu de algo que está oculto de forma especial e extraordinária”.⁵¹ A revelação tem a função de trazer ao conhecimento o que estava oculto.

Para Tillich, a metodologia a ser aplicada para descobrir o real sentido da revelação é o método fenomenológico, como foi visto anteriormente. A revelação é percebida pelo seu receptor através do “êxtase” e do “milagre”. Por “êxtase” ele entende o estado de espírito que é extraordinário no sentido de que a mente transcende sua situação habitual. Não é uma negação da razão; é um estado mental em que a razão está além de si mesma, isto é, além da estrutura sujeito-objeto⁵² e distingue-o totalmente do estado de superexcitação religiosa, que é produzido artificialmente. Para Tillich, o êxtase é comumente chamado de inspiração, que é “estar em um estado criativo, ou sentir-se possuído por uma idéia, ou alcançar a compreensão através de uma intuição repentina”.⁵³

Por “milagre”, o seu entendimento é totalmente diferente da acepção comum. Para ele, os milagres não podem ser interpretados em termos de uma interferência sobrenatural no mundo natural. A explicação científica e a crítica histórica protegem a revelação, pois lutam contra as distorções supernaturalistas da revelação genuína. Assim ele define milagres:

Um milagre genuíno é, sobretudo, um evento assombroso, incomum, abalador, mas que não contradiz a estrutura racional da realidade. Em segundo lugar, é um

⁴⁸ GRENZ e OLSON, *A teologia do século 20*, p. 147.

⁴⁹ TILLICH, *Teologia sistemática*, p. 65.

⁵⁰ GRENZ e OLSON, *A teologia do século 20*, p. 144.

⁵¹ TILLICH, *Teologia sistemática*, p. 121.

⁵² *Ibid.*, p. 124.

⁵³ *Ibid.*, p. 127.

evento que aponta para o mistério do ser, expressando sua relação conosco de uma forma definida. Em terceiro lugar, é uma ocorrência que recebemos como um evento-sinal em uma experiência extática.⁵⁴

Revelação é um acontecimento e uma experiência que pode ocorrer por diferentes meios, como foi visto. Ou seja, qualquer coisa pode ser portadora da revelação desde que se torne transparente e mostre as bases do ser.⁵⁵ Para Tillich, dois conceitos definem a dinâmica dessa revelação: original e dependente.

Revelação original é “uma revelação que ocorre numa constelação que não existia antes. Esse milagre e esse êxtase estão unidos pela primeira vez”.⁵⁶ Deus continua revelando-se aos homens hoje como em qualquer época da humanidade. Essa revelação não está presa a nenhuma outra estabelecida e reconhecida no passado. Na revelação dependente,

o milagre e sua recepção original juntos formam o elemento doador, ao passo que o elemento receptor muda, na medida em que indivíduos e grupos novos entram na mesma correlação e revelação.⁵⁷

Essas revelações possuem poder revelador apenas para as pessoas que participam delas ou que entram numa correlação revelatória. Dessa forma, as proposições sobre uma revelação passada dão apenas informações teóricas; elas não têm poder revelador. Por isso, a revelação é verdadeira quando o homem possui um entendimento maior do seu ser e de sua existência.

Dessa maneira, toda revelação efetiva é final, pois ele afirma: “Uma pessoa tomada pela experiência revelatória crê que esta é a verdade com respeito ao mistério do ser e sua relação com ele”.⁵⁸ Toda revelação cristã tem de levar ao entendimento de Jesus como o Cristo. Tillich define assim a revelação final: “O cristianismo muitas vezes afirmou, e deveria afirmá-lo sempre, que existe uma revelação contínua na história da Igreja. Neste sentido, a revelação final não é a última. Só se última significa a última revelação genuína”.⁵⁹ Ela não é última por não existirem outras revelações posteriores, e sim por ser ela a maior de todas: a revelação final: “Significa a revelação decisiva, culminante, inexcitável, aquela que é o critério de todas as outras. Essa é a reivindicação cristã. E esta é a base da teologia cristã”.⁶⁰

⁵⁴ Ibid, p. 129.

⁵⁵ GRENZ e OLSON, *A teologia do século 20*, p. 147.

⁵⁶ Ibid., p. 138.

⁵⁷ TILLICH, *Teologia sistemática*, p. 41.

⁵⁸ Ibid., p. 143.

⁵⁹ Ibid., p. 144.

⁶⁰ Ibid.

Por isso, a revelação final do cristianismo é a verdade de Jesus como o Cristo. Para Tillich, o entendimento de que Jesus é o Cristo prometido é que norteia todo o pensamento cristão. Ele diz: “De acordo com o caráter circular da teologia sistemática, o critério da revelação final é derivado daquilo que o Cristianismo considera ser a revelação final, a aparição de Jesus como o Cristo”.⁶¹ Isso é visto de maneira existencial: “O Cristo não é o Cristo sem a Igreja, e a Igreja não é Igreja sem o Cristo. A revelação final, como toda revelação, é correlativa”.⁶² Assim a “revelação é a manifestação do poder que reúne o que foi trágica e destrutivamente separado, trazendo, desse modo, salvação, cura e harmonia em meio ao conflito. É o desvendar do mistério do ser”.⁶³ Desse modo, a revelação é a interpretação da história para cada indivíduo e seus efeitos para o mistério do ser e sua preocupação última.

CONCLUSÃO

A teologia de Paul Tillich tem como objetivo aplicar a mensagem do evangelho de forma contextualizada ao homem moderno, tornando-o relevante à sua geração. Para isso, ele usa as ferramentas filosóficas existenciais, tendência do pensamento humano de sua época, e as adapta para a teologia.

Ele utilizou a filosofia como base da teologia. Ela legitimava ou não a mensagem cristã. A mensagem do evangelho perdeu seu caráter divino e autoritativo. A revelação divina foi confundida com a cultura e a interpretação histórica do fato. A veracidade da mensagem foi colocada em segundo plano, pondo-se em evidência a sua interpretação. Jesus virou o Cristo da Igreja: “O Cristo não é o Cristo sem a Igreja, e a Igreja não é Igreja sem o Cristo”.⁶⁴ A fé foi resumida à fé da Igreja.

Com essa transformação de conceitos sobre a Palavra de Deus e, principalmente, sobre a revelação divina, o homem fica livre para criar uma mensagem cristã mais parecida com os seus pensamentos. A teologia perde seu caráter de confrontação de princípios, valores e atitudes, para ser apenas adaptável aos problemas existenciais.

Assim, o evangelho perderia toda a sua essência e propósito, pois na verdade ele não tem como finalidade resolver as questões existenciais da pessoa. Na perspectiva reformada, seu propósito é mudar a natureza, o pensamento e as atitudes humanas, e resolver o verdadeiro problema da existência humana: o pecado. Toda crise existencial está relacionada ao afastamento do homem do seu Criador e do estilo de vida para o qual foi criado.

⁶¹ Ibid., p. 146.

⁶² Ibid., p. 148.

⁶³ GRENZ e OLSON, *A teologia do século 20*, p. 147.

⁶⁴ TILLICH, *Teologia sistemática*, p. 148.

A própria vida de Paul Tillich é um exemplo da ineficácia de sua teologia. Francis Schaeffer relata esse episódio ocorrido pouco antes da morte de Tillich:

Um estudante relatou-me que, quando perguntaram a Tillich, pouco antes de sua morte em Santa Bárbara, Califórnia, “O senhor ora?” Ele respondeu: “não, mas eu medito”. Tudo o que lhe restava era a palavra *Deus*, sem qualquer certeza de que pudesse haver algo a mais do que somente a palavra ou que a palavra significasse algo mais do que o pantudismo panteísta.⁶⁵

É necessário um evangelho atual para o mundo moderno, que fale das questões e dos problemas existenciais da cultura circundante sem mudar os ensinamentos e os princípios encontrados na Bíblia. A teologia não pode ser submissa à filosofia. A Bíblia deve ser a única fonte fidedigna para a teologia e o evangelho deve ser entendido de acordo com as proposições reveladas por Deus em sua Palavra, e não de acordo com a nossa razão, experiência ou conveniência. A mensagem divina não tem que ser bem recebida pelo homem, pois ela confronta seu pecado, sua existência. Este deve ser o papel da igreja: proclamar a mensagem de maneira simples, verdadeira e clara, sendo os seus princípios inegociáveis. O conceito de revelação bíblica e o entendimento da Bíblia como Palavra de Deus é essencial para uma vida correta com Deus. Qualquer posição diferente dessa vai produzir um cristianismo distorcido e irrelevante para o homem.

ABSTRACT

The concept of revelation is essential to Christian orthodoxy. The Reformed faith is grounded on the understanding that the Bible is God’s special revelation, being inspired and the supreme rule for faith and practice. After the movement of Renaissance humanism, Scripture ceased to be the only source of authority for theology and other sources started to be embraced by theologians. In the twentieth century, liberals, neo-orthodox, and Pentecostals began to use other criteria, such as reason, experience, and existential philosophy. One of the representatives of the use of existentialist philosophy was the Prussian theologian Paul Tillich. This article seeks to understand the thought of this theologian about divine revelation and its influence on systematic theology. With this purpose, the article starts with an analysis of existential philosophy. Then, it describes Tillich’s theological thought, trying to understand its role, source, concept of the Bible, and, finally, its concept of revelation. The article concludes its analysis by showing the disastrous consequences of the shift in the source of authority for Christian and Reformed theology.

KEYWORDS

Revelation; Existentialism; Theology; Reason; Paul Tillich.

⁶⁵ SCHAEFFER, *Como viveremos?*, p. 125.